



RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS E OS CABELOS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: olhar sobre a perspectiva das crianças

Eduarda Souza Gaudio*

RESUMO

O artigo apresentará um recorte de um estudo de mestrado que investigou as relações sociais entre crianças e com adultos quanto às diferenças étnico-raciais numa instituição de Educação Infantil da Rede Municipal de São José. Para realização da pesquisa adotamos instrumentos peculiares da etnografia através da observação das relações sociais das crianças, recursos fotográficos e audiovisuais e a construção de um diário de campo. Nas análises, os modos como as crianças atuam e se colocam frente às outras crianças expressam a centralidade pela dimensão corporal, sobretudo no que diz respeito aos aspectos físicos que as compõem. Para esse debate, privilegamos as questões que envolvem os cabelos das meninas e dos meninos que frequentam um espaço de educação infantil pública. Esse aspecto tornou-se imperativo no estudo acerca das relações étnico-raciais, considerando os saberes que as crianças do grupo investigado expressaram acerca dos diferentes tipos de cabelos.

Palavras-chave: Relações Étnico-Raciais. Educação Infantil. Crianças. Cabelos.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Os estudos e pesquisas sobre as relações étnico-raciais no âmbito da educação infantil¹ revelam que as crianças negras vivenciam em seus cotidianos, relações intersubjetivas com as demais crianças, visto que enfrenta práticas sociais racistas e estereotipadas sobre o seu próprio grupo social. Essas relações preconceituosas são significantes no processo de constituição das singularidades infantis e necessitam de atenção no âmbito das relações

* Mestra em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina. Professora da Prefeitura Municipal de Florianópolis. Pesquisadora Associada ao Núcleo de Estudos - NUPEIN e Pesquisa da Pequena Infância e ao Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros – NEAB/UFSC. E-mail: dudasouza_1@hotmail.com.

¹ Para maiores informações ver: ROSEMBERG, 1996, CAVALLEIRO, 1998; DIAS, 1997, 2007; OLIVEIRA, 2004; SILVA, 2007, TRINIDAD, 2011; AMARAL, 2013, CARVALHO, 2013; GAUDIO, 2013.

educativas. Nesse sentido, Neste artigo apresentaremos parte dos resultados da pesquisa de mestrado que buscou analisar os processos sociais efetivados pelas crianças e seus pares e com os adultos envolvidos nas relações étnico-raciais num Centro de Educação Infantil da Rede Municipal de São José.²

A pesquisa pela qual se pautou a construção desse artigo foi pensada tendo em vista o acompanhamento das relações sociais que as crianças efetivam com seus pares no espaço da educação infantil, reconhecendo e valorizando as produções e saberes criados por estes seres de pouca idade. Para a realização da pesquisa, optamos pelo estudo de caso etnográfico em uma instituição de educação infantil pública, tomando como sujeitos da pesquisa um grupo de crianças composto por 12 meninas e 12 meninos de quatro a cinco anos de idade. Justificamos a escolha pelo estudo de caso etnográfico mediante o interesse em conhecer determinado fenômeno dentro de um contexto específico, no caso, as relações sociais entre crianças com pertencimento étnico-racial distintos.

Como ferramentas de investigação adotamos aquelas provenientes da etnografia: a observação participante das relações e práticas cotidianas em um centro de educação infantil, a análise de documentos produzidos pela rede do município pesquisado para compreender melhor sua organização e propostas pedagógicas, o registro fotográfico e escrito em notas de campo para recordar os acontecimentos e complementar os detalhes das situações, e a construção de um diário de campo para armazenamento das informações obtidas durante todo o processo de pesquisa.

Privilegiar as ações das crianças e as formas como atuam no mundo tem sido um movimento recente de pesquisas, posto que busca reconhecer a capacidade de socialização e produção de aspectos culturais que as crianças elaboram na relação com seus pares e com os adultos. Essa preocupação acerca da infância significa um movimento de perceber que, além de seres de pouca idade, as crianças possuem especificidades e conhecimentos historicamente silenciados. Sobre essa discussão Manuela Ferreira e Manuel Sarmiento (2008) contribuem ao argumentar que

Trata-se de levar a sério a voz das crianças, reconhecendo-as como seres dotados de inteligência, capazes de produzir sentido e com o direito de se apresentarem como sujeitos de conhecimento, ainda que o possam expressar diferentemente de nós, adultos; trata-se de assumir como legítimas as suas formas de comunicação e

² O presente artigo foi pautado numa pesquisa de mestrado realizada no período de 2011 a 2013 pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina, na linha Educação Infância. Para isso, privilegiamos alguns aspectos discutidos na dissertação em detrimento de outros. Para maiores informações: GAUDIO, Eduarda Souza. **Relações sociais na educação infantil: dimensões étnico-raciais, corporais e de gênero** / Eduarda Souza Gaudio; orientador, Eloisa Acires Candal Rocha - Florianópolis, SC, 2013.

relação, mesmo que os significados que as crianças atribuem às suas experiências possam não ser aqueles que os adultos que convivem com elas lhes atribuem. (FERREIRA; SARMENTO, 2008, p. 21).

Diante desse debate, assumimos uma perspectiva fundamentada nos Estudos Sociais da Infância, que reconhecem a criança como ator social capaz de elaborar aspectos culturais na relação com seus pares e com os adultos. Com base nessa concepção, buscamos contribuir com esse movimento recente das pesquisas (CERISARA, 2004; CORSARO, 2005; FERREIRA, 2002; AGOSTINHO, 2007; BUSS-SIMÃO, 2012; entre outros) que pretende conhecer o ponto de vista das crianças ao privilegiar suas ações e os modos como atuam no mundo. Além disso, embasamos as análises nos estudos sobre relações raciais no Brasil (MUNANGA 2003, 2008, 2012; GUIMARÃES, 2008, 2009; GOMES, 1996, 2001, 2003, 2006; entre outros) e nas pesquisas que privilegiam a educação das crianças pequenas quanto à temática étnico-racial (ROSEMBERG, 1996, CAVALLEIRO, 1998; DIAS, 1997, 2007; OLIVEIRA, 2004, SILVA, 2007, TRINIDAD, 2011; entre outras).

Por meio das observações das relações sociais no contexto da educação infantil, as primeiras formas de expressão percebidas foram àquelas ligadas aos corpos dos meninos e das meninas do grupo investigado. Nas diferentes formas de organização social do cotidiano da instituição, as crianças exprimiam seus modos de ver e interpretar o mundo através do corpo e das relações étnico-raciais. Nas relações entre meninas e meninos dessa investigação, presenciemos diversos momentos em que as crianças expressavam seus saberes sobre o mundo quando recorriam à dimensão corporal, como a força, a estatura, a agilidade, a fraqueza e a aparência. Foi possível perceber durante as organizações sociais das crianças com seus pares, a recorrência de dimensões particulares que diferenciam e hierarquizam relações, sobretudo, no que diz respeito aos elementos étnico-raciais.

As crianças do grupo pesquisado eram provenientes de diferentes grupos étnico-raciais - pretas, pardas e brancas -, com características distintas, tais como os diversos tipos de cabelos, de cor da pele, de formato do rosto, de altura e dimensão, entre outras. Na relação que realizam com seus pares e com adultos, apreendem diferenças e semelhanças existentes, constituindo, a partir da internalização daquilo que é dado pelo outro, uma imagem do nosso próprio corpo. Diante desse assunto, Bento (2012, p. 112) destaca que

[...] a identidade é construída por meio do corpo e na convivência com o outro. Nosso “eu” é produto de muitos outros que o constituem. Esses “outros”, nos primeiros anos de vida, com frequência são a mãe, o pai, a professora ou outros adultos que cuidam diretamente da criança. Por meio do olhar, do toque, da voz, dos gestos desse outro, a criança vai tomando consciência de seu corpo, do valor atribuído a ele e ao corpo dos coetâneos, e construindo sua auto-imagem, seu autoconceito. Assim, podemos concluir que o estágio em que está o adulto, no que

diz respeito a sua identidade racial e sua percepção sobre diferenças raciais, é elemento importante no cuidado com a criança.

A aparência e as características físicas são elementos significantes no processo de formação identitária das crianças pequenas, na qual o corpo representa papel fundamental e auxilia na construção de uma autoestima positiva. Na maioria dos casos, a instituição de educação infantil é uma das primeiras formas de socialização das crianças depois do contexto familiar. Nesses espaços, meninas e meninos de pouca idade relacionam-se com outros corpos que determinam a imagem do nosso próprio corpo.

Conforme as observações realizadas durante a investigação que originou a presente pesquisa, as crianças revelaram que a aparência física é um elemento central na organização de suas relações, uma vez que privilegia características como a cor da pele branca, a forma do corpo magro e os tipos de cabelos lisos como padrão de beleza para suas interações. Nesse momento, optamos por ressaltar o debate que envolve as questões dos cabelos reveladas pelas próprias crianças durante a investigação.

2 OS CABELOS COMO SÍMBOLO DA IDENTIDADE RACIAL DAS CRIANÇAS PEQUENAS

Segundo Gomes (2006), a construção da identidade negra no Brasil passa por processos tensos e complexos no qual o corpo é objeto de expressão, resistência sociocultural, opressão e negação. O cabelo é um dos elementos mais evidentes do corpo, visto que carrega diferentes significados de cultura para cultura e caracteriza-se como um ícone identitário. Para a autora, os cabelos crespos na sociedade brasileira representam um signo que comunica e informa sobre as relações raciais. Assim, o tipo de penteado, o estilo de cabelo, a manipulação e o sentido que as pessoas atribuem a ele podem ser utilizados para ocultar ou reconhecer o pertencimento étnico-racial.

A preocupação com os cabelos durante o estudo foi evidenciada entre as crianças, sobretudo no grupo de meninas. Os tipos de cabelos eram diversificados, haviam cabelos crespos, ondulados, lisos, encaracolados, entre outros. Aos poucos, observamos que algumas crianças sentiam-se preocupadas em cuidar de seus cabelos, revelando também o desejo em modificá-los. Muitas meninas quando voltavam da “hora do sono” solicitavam a pesquisadora que amarrasse ou fizesse uma trança em seus cabelos. As professoras evidenciaram, também, essa preocupação com os cabelos das meninas, especialmente daquelas que possuíam cabelos

crepos e ondulados, que muitas vezes encontravam-se desarrumados. Nos dias de festividade na instituição, as professoras organizavam as crianças e arrumavam seus cabelos:

Hoje aconteceu a festa dos aniversariantes do mês de agosto. Minutos antes de iniciar a festa, as professoras falaram para as crianças que estava na hora de arrumar os cabelos. A professora foi chamando uma em uma, começando pelo grupo de meninas. Escovou, passou creme, amarrou e fez algumas tranças, como cada criança desejava. Quando os cabelos ficavam prontos eu perguntava se a criança gostaria de tirar uma foto do penteado. Todas as meninas tiraram fotos. Todas respondiam afirmativamente, sorrindo e pedindo para ver como ficou a foto. Quando chegou a vez dos meninos já estava na hora festa de aniversário e não foi possível arrumar seus cabelos. (DIÁRIO DE CAMPO, 30/08/2012).

Nos momentos em que as crianças estavam sendo penteadas pelas professoras foi possível perceber um contentamento muito grande por parte das meninas e dos meninos que recebiam esse cuidado. Ao finalizar seu penteado saíam sorridentes e satisfeitas pela sala, exibindo seus cabelos aos/as colegas e para a câmera fotográfica. Em outra ocasião, a professora propôs a brincadeira de salão de beleza na própria sala do grupo:

No dia de hoje a professora realizou uma proposta com as crianças de criar um salão de beleza na sala do G6. De acordo com ela, a proposta tinha como objetivo trabalhar a higiene e os cuidados que devemos ter com o corpo. Mostrou e apresentou alguns produtos de beleza e materiais que ela havia trazido para a turma: pente, escova, creme de pentear, hidratante de corpo, pente fino, espelho, secador de cabelo, gel, e maquiagem. Mostrou cada um dos produtos e apresentou o pente fino, dizendo que ele servia para tirar as sujeiras dos cabelos, como areia e piolhos. Explicou que as crianças e adultos podem ter piolho e que o pente ajudaria retirá-los. Em seguida, ela falou que fariam penteados nas meninas e nos meninos, além de passar maquiagem e perfumes. Enquanto alguns eram atendidos pelas professoras para fazer o penteado, as outras iam pintando a letra inicial do seu nome em uma folha. A professora chamou cada criança para fazer o penteado e utilizar os produtos de beleza. Após a maioria das crianças terem sido penteadas, Willian percebeu que ainda não tinha sido chamado. Ele é um menino negro que possui os cabelos raspados com máquina. Então, ele olhou pra professora e disse:

-Prô, tu esqueceu de mim?

- Não, eu já estava te chamando!

Ele sorriu e foi até a professora para ser arrumado.

Enquanto as crianças se arrumavam, fazendo penteados, maquiando e colocando perfumes, olhavam-se muitas vezes num grande espelho que a sala possui demonstrando que estavam alegres. Algumas vinham até mim para mostrar seus penteados, seus perfumes e maquiagens. (DIÁRIO DE CAMPO, 05/10/2012).

A partir da situação exposta acima é possível perceber que as crianças gostam de ser tocadas e sentir-se cuidadas pelas professoras. O toque nos cabelos, a preocupação com o outro, o carinho e a atenção são aspectos fundamentais que precisam ser contemplados nos tempos-espacos da educação infantil (GUIMARÃES, 2011). As crianças sentem-se felizes e acolhidas por meio de práticas como essas, e sentem falta desse cuidado, como expressou Willian ao perceber que não foi chamado pela professora.

Ainda sobre a preocupação com os cabelos, observamos descontentamento de algumas crianças perante seus tipos de cabelos. Essa ocorrência foi constatada no grupo de crianças que possuíam traços de origem africana, as quais apontavam concepções negativas acerca de seu pertencimento étnico-racial. A situação a seguir expõe o desejo de umas das meninas em alterar seus cabelos.

Hoje quando estávamos no parque, sentei-me perto de quatro crianças que brincavam no trezinho (Isabela, Emanuela, Tuani e Ana Luiza). Algumas começaram a mexer nos meus cabelos. Eu comentei para elas fazerem um penteado bem bonito. Ana Luiza disse:

- Eu gosto de cabelos, lisos, soltos e com franja.

Como ela estava com os cabelos amarrados eu perguntei:

- Então, por que você não solta os seus cabelos?

- Ah! Porque minha mãe tem que fazer chapinha em mim!

Tentei perguntar o porquê queria fazer chapinha, mas ela deslocou-se para outro espaço do parque, impossibilitando a continuidade da conversa.

(Diário de Campo, 08/08/2012).

Por meio dessa situação, Ana Luiza expressa a sua preferência por cabelos lisos, soltos e com franja, além de manifestar o desejo de fazer ‘chapinha’ em seus cabelos, prática muito recorrente para alisar os cabelos crespos, ondulados e cacheados. Sobre essa questão, Gomes destaca:

Nesse processo de enraizamento, os ciclos da infância e adolescência são momentos significativos. E é durante esse período que a relação negro/cabelo se intensifica. O desejo manifesto pela criança negra de alterar o “estilo” do seu cabelo é algo complexo. Ele diz respeito à construção dessa criança conquanto sujeito em relação à própria imagem e também é resultado de relações sociais assimétricas, baseadas na imposição de modelos de homem, de mulher, de adulto, de raça e de etnia (GOMES, 2006, p. 199).

A alteração da estrutura do cabelo crespo através do alisamento é uma questão delicada e que merece atenção. A autora mencionada realizou uma pesquisa etnográfica sobre o processo de construção da identidade negra a partir de atividades estéticas desenvolvidas nos chamados Salões Étnicos, evidenciando técnicas corporais de modificação dos cabelos, uma trama vivida de maneira tensa e conflituosa. Conforme suas considerações, não se pode julgar os sujeitos negros pela alteração de suas características corporais, pois a sociedade passa por constantes mudanças, compreendendo as transformações estéticas.

Os estudos de Trindad (2011) e Amaral (2013) que também investigaram as relações étnico-raciais no contexto da educação infantil demonstraram que as crianças pequenas expressam a preferência pelos atributos físicos dos brancos, assim como o desejo em modificar suas próprias características, sobretudo, os cabelos e a tonalidade da pele.

Desse modo, é necessário pensarmos as mudanças corporais realizadas pela população negra dentro de um contexto simbólico no qual se inserem as relações entre negros e brancos na sociedade brasileira. A partir disso, o uso do alisamento pode ser entendido, por um lado, como a incorporação de um padrão estético determinado pela opressão branca e, por outro lado, compreendido como uma prática integrante de um estilo da população negra que, através da imposição da hegemonia branca, inseriu aspectos próprios da comunidade negra aos modelos estéticos (GOMES, 2006, p. 202-203).

O uso de tranças também foi recorrente entre as meninas do grupo observado. Algumas crianças já vinham trançadas de suas casas para a instituição, exibindo seus cabelos ao chegar à creche:

No dia de hoje, logo que cheguei à sala do G6, Yasmin veio me cumprimentar, exibindo seus cabelos trançados.
- Olha Duda, minhas tranças!
- Nossa, que lindas! Quem fez?
- Minha mãe, ela fez ontem!
- Ficaram lindas! (DIÁRIO DE CAMPO, 01/10/2012).

De acordo com Gomes (2006), a realização de tranças é uma técnica corporal que acompanha a história do negro desde a África, em que o significado de seu uso modifica-se no tempo e no espaço. Algumas famílias utilizam as tranças como uma maneira de desconstruir o estereótipo existente acerca dos cabelos crespos considerados como sujos e desajeitados. Outras pessoas a empregam como uma prática cultural de cuidar do corpo. Em ambos os casos, é preciso considerar que a manipulação dos cabelos crespos ocorre de forma conflituosa, visto que as representações existentes em torno do cabelo negro são carregadas de estereótipos e estigmas, que inferiorizam a população de origem africana.

A instituição de educação infantil é, na maioria dos casos, a primeira experiência da criança fora do contexto familiar. Esses espaços são, muitas vezes, marcados por representações negativas dos sujeitos negros em que os cabelos crespos são vistos como símbolo de inferioridade e alvos de piadas e apelidos pejorativos. No grupo investigado, presenciei um momento em que uma criança referiu-se ao cabelo de sua colega como “duro”.

Estávamos todos no parque quando Jenifer aproximou-se de mim e pediu para que eu arrumasse seus cabelos. Respondi afirmativamente e enquanto eu amarrava seus cabelos, Vitória disse:
- Ui, o cabelo da Jenifer é duro!
Aguardei calada alguns segundos para ver se Jenifer iria realizar algum comentário. Ao perceber que ela manteve-se em silêncio, falei:
- Não Vitória, o cabelo de Jenifer é muito macio. Coloca suas mãos nele para você sentir.
- Não precisa – Respondeu Vitória deslocando-se para outro local do parque. (DIÁRIO DE CAMPO, 12/11/12).

Conforme evidenciamos anteriormente, as crianças estão desde cedo envolvidas nas relações com seus pares e com os adultos em diversos segmentos da sociedade. Essas relações estão diretamente imbricadas com questões raciais, sexuais, de gênero, religião, entre outros aspectos carregados de informações. No que tange às relações étnico-raciais, as práticas discursivas produzem saberes e verdades que se consolidam como ‘normalidades’ no sentido de promover a raça branca como superior, classificando tudo aquilo que é diferente como negativo. O cabelo crespo é um dos aspectos caracterizados como ‘ruim’ e diferente de tudo o que é considerado ‘normal’. Essas informações divulgadas pela mídia, filmes, revistas, brinquedos e muitas vezes reforçadas por meio das práticas pedagógicas são apreendidas pelas crianças produzindo efeitos na construção das subjetividades infantis (DORNELLES, 2004).

Como podemos observar na situação exibida acima, Vitória já apreendeu que o cabelo crespo é considerado ‘duro’, expressando esta opinião ao ver que eu arrumava os cabelos de Jenifer. As crianças percebem, através das interações que estabelecem e dos saberes que estão sendo difundidos, o modelo legitimado como ‘belo’ e ‘bom’, identificando tudo o que se diferencia desses padrões. Em vista disso, defendemos a importância da atuação pedagógica no sentido de questionar ‘verdades universais’ e estranhar esses conhecimentos tidos como ‘naturais’. Concordamos com Gomes (2006, p. 216), ao argumentar que os espaços escolares podem ser repensados no sentido de reconhecer e valorizar as diferenças étnico-raciais em que “[...] o cabelo e a cor da pele podem sair do lugar de inferioridade e ocupar o lugar de beleza negra assumindo um sentido político”.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS: por uma educação infantil que contemple a dimensão corporal

É imperativo realçar, nesse momento, um aspecto que parece estar resolvido no âmbito das questões voltadas a educação infantil: o cuidado. Santana (2004) analisa o cuidar como uma necessidade para o desenvolvimento infantil em sua plenitude. Esse cuidado engloba a atenção, o respeito e as diversas ações ligadas ao bem estar das crianças, tais como: os momentos de alimentação, higiene, troca de fralda, banho, entre outros. Para isso é fundamental considerar as especificidades de cada criança e, ao mesmo tempo, reconhecer o contexto social e cultural em que está inserida.

No grupo pesquisado, percebemos a necessidade do recebimento de certos cuidados que algumas crianças demonstravam a mim e aos demais adultos da instituição. Os diversos

pedidos das meninas para arrumar e tocar em seus cabelos, as solicitações de colo ou apenas da minha presença ao lado, os convites para participar das brincadeiras e atividades, os sorrisos e olhares que chegavam a mim expressavam o desejo do afeto e do carinho durante suas interações sociais revelavam a necessidade que as crianças possuem de serem cuidadas e atendidas nas suas especificidades.

Muitas dessas crianças não recebem o carinho e a atenção que precisam de seus familiares, às vezes pela falta de tempo, outras pelo desconhecimento de que essa é uma necessidade fundamental de meninas e meninos de pouca idade. As instituições de educação da primeira infância precisam estar preparadas para receber esses “outros corpos” que chegam à creche muitos vulneráveis às más condições de vida. É primordial reconhecer e propiciar as crianças os direitos garantidos por lei, como o direito à vida, ao convívio social, a atenção individual, a proteção, ao afeto e a amizade (BRASIL, 2009, p. 13).

Guimarães (2010, p. 33) compreende o cuidado “[...] como postura ética, atitude responsiva, de escuta e diálogo com as crianças, o que dilata as possibilidades da educação”, deve ser contemplado em todos os momentos de educação das crianças pequenas. Assim como essa dimensão precisa estar presente nas ações com crianças de 0 a 3 anos de idade, meninas e meninos de 4 a 5 anos que participaram do estudo que originou esse artigo também indicaram essa necessidade, prevista como direito das crianças em diversos documentos públicos, sobretudo, nas Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil (2010).

Em vista disso, salientamos a importância da ação pedagógica em assumir uma atitude responsiva e cuidadosa em relação às crianças, no sentido de respeitar os princípios éticos, políticos e estéticos que as crianças têm de direito. É preciso refletir sobre um trabalho que reconheça as singularidades em seus aspectos sociais, culturais e étnico-raciais para que possamos auxiliar na constituição da identidade de crianças que reconheçam e valorizam seu pertencimento étnico-racial.

ETHNIC-RACIAL RELATIONS AND HAIR IN EARLY CHILDHOOD

EDUCATION:

look on the perspective of children

ABSTRACT

The paper shows a cutout of a study that investigated master social relationships among children and adults about the ethnic-racial differences in Early Childhood Education

Institution of city of São José. In the analyzes, the ways in which children act and stand other children express the centrality by body size, especially with regard to the physical aspects that make it up. For this discussion, we seek to focus the issues surrounding the hair of girls and boys who attend a public kindergarten space. This aspect has become imperative in the study about the ethnic-racial relations, considering the knowledge that children of the group investigated expressed about the different types of hair

Keywords: Ethnic and racial relations. Childhood education. Children. Hair.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, Kátia Adair. Pesquisa com crianças em contextos pré-escolares: reflexões metodológicas. **31ª ANPED**, Caxambu, p. 01-16, 2008.

AMARAL, Arleandra Cristina Talin do. **A infância pequena e a construção da identidade étnico**: potenciais e limitações sob o olhar do professor. Curitiba, 2013.

BENTO, Maria Aparecida Silva. A identidade racial em crianças pequenas. In: BENTO, Maria Aparecida Silva. **Educação infantil, igualdade racial e diversidade**: aspectos políticos, jurídicos, conceituais. São Paulo: Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades - CEERT, 2012. p. 98-114.

BRASIL. **Critérios para um atendimento em creches que respeite os direitos fundamentais das crianças** / Maria Malta Campos e Fúlvia Rosemberg. 6. ed. Brasília: MEC, SEB, 2009(c).

_____. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil**. Brasília: MEC, SEB, 2010.

BUSS-SIMÃO, Márcia. **Relações sociais em um contexto de educação infantil**: um olhar sobre a dimensão corporal na perspectiva de crianças pequenas. Tese (Doutorado em Educação). Centro de Ciências da Educação. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, SC, 2012.

CARVALHO, Thaís Regina de. **Políticas de promoção da igualdade racial na rede municipal de educação infantil de Florianópolis/SC**. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR, 2013.

CAVALLEIRO, Eliane. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar**: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil. 1998. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo.

CERISARA, Ana Beatriz. Em Busca do Novo Ponto de Vista das Crianças nas Pesquisas Educacionais: Primeiras Aproximações. In: SARMENTO, Manuel Jacinto; CERISARA, Ana Beatriz. (Orgs.). **Crianças e miúdos**: Perspectivas sociopedagógicas da infância e educação. Porto: ASA Editora, 2004. p. 35-54.

CORSARO, William A. Entrada no campo, aceitação e natureza: da participação nos estudos etnográficos com crianças pequenas. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 26, n. 91, p. 443-464, Maio/Ago. 2005.

DIAS, Lucimar Rosa. **Diversidade Étnico-Racial e Educação Infantil**. Três Escolas, Uma Questão, Muitas Respostas. 1997. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Campo Grande.

_____. **No fio do horizonte**: educadoras da primeira infância e o combate ao racismo. 2007. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo.

DORNELLES, Leni Vieira. **O brinquedo e a produção do sujeito infantil**. Braga/PT: site Universidade do Minho, 2004. Disponível em: http://cedic.iec.uminho.pt/Textos_de_Trabalho/textos/obrinquedo.pdf. Acesso em: 08 maio 2013.

FERREIRA, Maria Manuela Martinho. “- **A gente aqui o que gosta mais é de brincar com os outros meninos!**” – as crianças como atores sociais e a (re)organização social do grupo de pares no cotidiano de um Jardim de Infância. Dissertação de doutoramento em Ciências da Educação, Universidade do Porto, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação. 2002.

FERREIRA, Manuela; SARMENTO, Manuel Jacinto. Subjectividade e bem-estar das crianças: (in)visibilidade e voz. **Revista Eletrônica de Educação**, v. 2, n. 2, p.60-91, nov. 2008.

GAUDIO, Eduarda Souza. **Relações sociais na educação infantil**: dimensões étnico-raciais, corporais e de gênero. 2013. Dissertação (Mestrado em Educação). Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. 2013.

GOMES, Nilma Lino. Educação, raça e gênero: Relações imersas na alteridade. **Cadernos Pagu** (6-7), p. 67-82, 1996:

_____. Educação cidadã, etnia e raça: o trato pedagógico da diversidade. In: CALLEIRO, Eliane (Org.). **Racismo e anti-racismo na educação**: repensando nossa escola. São Paulo: Summus, 2001. p. 84-94.

_____. Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 29, n. 1, p. 167-182, jan./jun. 2003.

_____. **Sem perder a raiz**: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. **Preconceito racial**: modos, temas e tempos. São Paulo: Cortez, 2008.

_____. **Racismo e antirracismo no Brasil**. 3. ed. São Paulo: Fundação de Apoio à Universidade de São Paulo, 2009.

GUIMARÃES, Daniela. Técnicas corporais, cuidado de si e cuidado do outro nas rotinas com bebês. In: ROCHA, Eloisa A. C.; KRAMER, Sonia. (Orgs.). **Educação Infantil: Enfoques em diálogo**. Campinas: Papyrus, 2011. p. 35-52.

MUNANGA. Kabengele. **Uma Abordagem Conceitual das Noções de Raça, Racismo, Identidade e Etnia**. Palestra proferida no 3º Seminário Nacional Relações Raciais e Educação-PENESB-RJ, 05/11/2003.

_____. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

_____. **A difícil tarefa de definir quem é negro no Brasil**. Entrevista realizada com Kabengele Munanga por Estudos Avançados 18 (50), 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v18n50/a05v1850.pdf>>. Acesso em: 29 set. 2012.

OLIVEIRA, Fabiana. **Um estudo sobre a creche: o que as práticas educativas produzem e revelam sobre a questão racial?** 2004. Dissertação (Mestrado em Educação). Centro de Ciências Humanas, Departamento de Metodologia de Ensino, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos.

ROSEMBERG, Fúlvia. Educação Infantil: raça, classe e gênero. **Caderno de Pesquisa**, São Paulo, n.96, p. 58-65, 1996.

_____. A criança pequena e o direito à creche no contexto dos debates sobre infância e relações raciais. In: BENTO, Maria Aparecida Silva (Org.). **Educação infantil, igualdade racial e diversidade: aspectos políticos, jurídicos, conceituais**. São Paulo: Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades - CEERT, p. 11-46, 2012.

SILVA, Cristiane Irinéa. **O acesso das crianças negras à educação infantil: um estudo de caso em Florianópolis**. 2007. Dissertação (Mestrado em Educação). Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

TRINIDAD, Cristina Teodoro. **Identificação étnico-racial em espaços de educação infantil**. 2011. Tese (Doutorado em Educação: Psicologia da Educação). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

Recebido em: 01 de setembro de 2015.

Aprovado em: 21 de outubro de 2015.